

O ESTRUTURALISMO - UM PROBLEMA DE CONCEITUALIZAÇÃO

* Lucília C. de Freitas Pedroso

RESUMO

As dificuldades inerentes à conceituação de estruturalismo levam a designação de estruturalistas a pensadores das mais diversas áreas da atividade intelectual. Necessidade de reconhecimento da natureza do elemento estruturador e dos critérios formais que levam a ele, destacando-se o simbólico e o da "casa" vazia.

Conceituar o estruturalismo não é tarefa fácil, pois bastante elástica se mostra a extensão do termo, resultando na grande dificuldade para se atingir plenamente a sua compreensão. Disto resulta que pensadores diferentes atuando em domínios diversos, chamam a si a designação de estruturalistas. Raymond Boudon chega a afirmar que: "não se passa um dia sem que filósofos, críticos literários, psicanalistas e outros rotulem ou sejam rotulados de estruturalistas". No entanto, mesmo em diferentes domínios, em cada um são encontrados métodos e abordagens que revelam relações de analogia com o que se considera estruturalismo.

Gilles Deleuze considera como marca indiscutível do estruturalismo a linguagem. "Só há estrutura daquilo que é linguagem, nem que seja uma linguagem esotérica ou mesmo não verbal". Mesmo que a linguagem se apresente diferente, a sua função é sempre a mesma: distinguir os elementos que caracterizam fundamentalmente um dado sistema. Isto nos leva à necessidade de buscar nos diversos sistemas a "sua linguagem", embora, seja esta, em determinados casos, fugidia e silenciosa...

No terreno filosófico quando alguém reporta à estrutura, refere-se ao sentido de capacidade de integração dinâmica de elementos diversos,

* Docente de Filosofia, História e Estudos Sociais do CESULON.

que ao serem integrados numa determinada forma participam de um processo de construção interativa, ganhando um lugar e um sentido no conjunto. Assim, qualquer elemento integrado no todo, que é forma, passa a desempenhar uma função que determina o significado, isto é, sua conceituação. Conseqüentemente, o significado corresponde ao que um elemento faz no todo em que se integra. E nessa integração dinâmica entre os elementos, o todo se mostra qualitativamente distinto da soma das partes. Não resulta de uma aglomeração aleatória de elementos, mas de uma **integração orgânica**, cujos elementos se diferenciam e delimitam reciprocamente.

Para se chegar à compreensão de um sistema estruturalista deve-se, antes de tudo, reconhecer a natureza do elemento estruturador. Caso este tenha um valor apenas heurístico a investigação estrutural deverá se limitar a reconduzir o objeto concreto ao seu modelo uniformizador, sem levar em conta a singularidade do próprio objeto. Um sistema é regido por uma finalidade que o transcende, portanto, um elemento só é pertinente se a sua função contribuir para a realização dessa finalidade.

Como ao elemento estruturador?

Encontra-se no dizer de Deleuze - além das imagens e dos conceitos associados às palavras, pois o elemento estruturador é de natureza completamente. Chega-se a ele através de certos critérios formais, como os de: posição ou local, diferenciação, o simbólico e o de "casa vazia", sendo que o pesquisador dá ao simbólico e ao da "casa vazia".

O critério simbólico exige o reconhecimento de uma terceira ordem distintiva do real e do imaginário: a do simbólico. Como elemento estruturador o simbólico está no princípio de uma gênese. É o subsolo não só do real como do imaginário. Porém, deles se distingue porque é irreal, isto é, não obedece nenhuma norma do sensível e, também, não-imaginário, porque não é nem identificação, nem projeção. Concluindo-se que os transcende, caso contrário, não poderia vir a ganhar um lugar e um sentido no todo, pois nele já estaria inscrito. Ao participar do processo de construção interativa o elemento estruturador traz o abstrato ao concreto e possibilita a aproximação do distante ou vice-versa. Somente desta forma são explicadas as interpretações estruturalistas dadas aos diferentes domínios da investigação, por quanto o estrutural é um espaço preextensivo que se torna extensivo quando seres e coisas vêm ocupá-lo, ganhando um significado determinado à proporção que se estabelece entre os elementos numa combinação. Conseqüentemente, o sentido é um/efeito, seja de linguagem, seja de posição. Num tabuleiro de xadrez o espaço pré-extensivo vai além da extensão do tabuleiro, o que permite o processo de construção interativa em N combinações e sentidos. Eis porque Deleuze afirma não ser possível "ler, encontrar, reencontrar as estruturas senão a partir dos efeitos".

Ao usar o critério de "casa vazia", o pesquisador se depara com um elemento paradoxal, sempre deslocado em relação a si mesmo. Não está onde é procurado, mas é encontrado onde não está, porque é de sua natu-

reza faltar a seu lugar, isto é, poder mudar de lugar. É uma espécie de ponto sempre móvel a partir do qual é possível se organizarem, num todo, as diferentes partes de uma estrutura, recebendo um sentido.

Este critério nos revela o elemento estruturador como um inextenso preme de possibilidades direcionais, tantas quantas forem as combinações que entram na formação de uma determinada ordem.

Em suma, no estruturalismo, o real e o imaginário só podem ser entendidos no término de um processo de construção em que o objeto estrutural é apreendido ao determinar o significado da "construção".

Seu processo /primordial/ é levantar os elementos mais elementares e universais de todo e qualquer fenômeno. O que se torna difícil porque as coisas, quando aparecem, surgem enredadas em uma teia de interpretações, exigindo do observador, surgem enredadas em uma grande capacidade de ordenação para colocá-las corretamente no processo da qual participam.

Entretanto, Charles Sandres Peirce aponta três faculdades que devem ser desenvolvidas: a capacidade /contemplativa; saber levantar diferenças a ser capaz de generalizar as observações em categorias abrangentes. Somente assim será possível encontrar o elemento estruturador e deste modo captar a estrutura de determinado sistema. A linguagem então terá sentido porque carregará o significado que se oculta no coração de todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

SANTAELDA, Lúcia. O que é Semiótica. Ed. Brasiliense, 5ª ed. S. Paulo. 1987.

DELEUZE, Gilles. "Em que se pode conhecer o estruturalismo?" In História da Filosofia, Idéias, Doutrinas. Vol 8º. Zahar. Rio de Janeiro. 1974